



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A CASA DA SABEDORIA: UMA INTERPRETAÇÃO DE PROVÉRBIOS 9.1-6¹

The House of Wisdom: an interpretation of Proverbs 9.1-6

Flávio Schmitt²

Resumo: A Sabedoria é um patrimônio comum a todos os povos e culturas. Na Sabedoria de um povo reside a essência de sua existência. Mesmo não dispondo de uma tradição escrita, nenhum povo ou cultura deixa de transmitir seu legado de Sabedoria para as futuras gerações. Também Israel tem seu legado sapiencial. Também esse legado tem sido transmitido de geração em geração, ora de forma oral, ora na forma escrita. Mesmo inserida no contexto do Antigo Oriente Próximo, a herança sapiencial de Israel tem suas características próprias. Entre os textos escritos da tradição sapiencial de Israel está o livro de Provérbios. Embora Provérbios seja uma coleção de textos reunidos e agrupados em diferentes épocas, propõe a Sabedoria como caminho para a vida do ser humano. O presente texto ocupa-se com a pericope de Provérbios 9.1-6. O livro de Provérbios é parte da literatura sapiencial do povo de Israel. O texto em questão conclui a primeira parte do livro (Pv 1-9). O tema central da unidade é a Sabedoria. A Sabedoria constrói sua casa. A casa da Sabedoria é a vida.

Palavras-chave: Sabedoria. Provérbios. Vida. Antigo Testamento.

Abstract: Wisdom is a common patrimony to all people and cultures. In the Wisdom of a people lies the essence of its existence. Even though not possessing a written tradition, no people or culture ceases transmitting its legacy of Wisdom to future generations. Also Israel has its sapiencial legacy. This legacy has also been transmitted from generation to generation, sometimes in oral form, others in written form. Despite the insertion in the context of the Ancient Near East, the sapiencial heritage of Israel has its own characteristics. Amongst the texts written in the sapiencial tradition of Israel is the book of Proverbs. Although Proverbs is a collection of texts gathered and grouped in different times, it proposes Wisdom as a way for the life of the human being. The pres-

¹ O artigo foi recebido em 02 de maio de 2016 e aprovado em 23 de setembro de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) em 1998. Bacharel em Teologia (1985) pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo/RS. Atua como professor na graduação e pós-graduação em Teologia na Faculdade EST, em São Leopoldo/RS. É pesquisador na área da Teologia e Ciências da Religião, com ênfase nos estudos sociológicos, antropológicos, filosóficos e literários do cristianismo. Desenvolve o Projeto de Pesquisa sobre Gnosticismo e Novo Testamento. Coordena o Grupo de Pesquisa Arqueologia e Religião. Tem experiência docente na área de Ciências Humanas e Sociais. Integra o Comitê de Ética da Faculdade EST. Contato: flavio@est.edu.br

ent text is occupied with the pericope of Proverbs 9.1-6. The book of Proverbs is part of the sapiential literature of the people of Israel. The text in question includes the first part of the book (Pv 1-9). The central theme of unity is Wisdom. Wisdom constructs its own house. The house of Wisdom is life.

Keywords: Wisdom. Proverbs. Life. Old Testament.

Introdução

Os livros sapienciais do Antigo Testamento³ (AT) constituem um conjunto literário bem definido. Além disso, sua forma e conteúdo os distinguem tanto do Pentateuco quanto dos Profetas.

De modo geral, a literatura sapiencial, como parte considerável da Sagrada Escritura, continua sendo o “patinho feio” dos estudos veterotestamentários.⁴ A ênfase nos aspectos históricos tem centrado a pesquisa no âmbito da literatura profética e histórica do Antigo Testamento.

A Sabedoria, mais precisamente a Sabedoria de Israel presente na literatura veterotestamentária, é um fenômeno amplo, complexo e dado a múltiplas abordagens. Origem e desenvolvimento, a relação entre Sabedoria, lei e culto, teologia e personificação, seguimento, justiça e graça; lugar e contexto vivencial, o significado teológico da Sabedoria, qualificação ética e religiosa da Sabedoria, e áreas e temas da Sabedoria são algumas das questões colocadas em discussão.

Para von Rad⁵, Sabedoria é um “conhecimento prático das leis da vida e do mundo, baseado na experiência. A palavra hebraica que se traduz por ‘sábio’, ‘sabedoria’, significa, inicialmente, a experiência, a competência, como se diz do marinhaire...”. Trata-se de um conhecimento técnico, necessário para o diário viver. Tudo o que se diz sobre a vida está fundamentado na experiência. Por isso, na antiguidade, qualquer pessoa que possuísse maestria, habilidade em qualquer área da atividade humana era chamada de sábio.

Assim como entre os povos do crescente fértil, é preciso sublinhar a existência de uma sabedoria popular em Israel. No entanto, o corpo sapiencial preservado no Antigo Testamento carrega as marcas da erudição, caracterizando uma sabedoria culta, resultado da elaboração artística e literária de gerações de sábios.

³ Segundo a tradição protestante, Jó, Provérbios, Eclesiastes ou Qohelet. Para a tradição católica, Jó, Provérbios, Eclesiastes ou Qohelet, Sabedoria e Eclesiástico ou Ben Sira.

⁴ Os textos clássicos datam da segunda metade do século XX. Em 1969, E. Gestenberger já lamentava a pouca atenção dada pelos exegetas à literatura sapiencial. A Teologia do AT de G. von Rad data de 1957. O livro *Weisheit in Israel* é de 1970. Textos mais recentes datam da década de 1990: WESTERMANN, C. *Weisheit und Theologie*. In: LANDAU, R. (Hg.). *Das mündliche Wort. Erkundungen im Alten Testament*, 1996. P.160-175. KAISER, O. *Gottes und der Menschen Weisheit*. Gesammelte Aufsätze. 1998. (BZAW 261).

⁵ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. totalmente revisada. São Paulo: ASTE; Targumim, 2006. v. I, p. 394.

O presente artigo ocupa-se com a Sabedoria em Israel a partir do texto de Provérbios 9.1-6. Trata-se de um estudo exegético que explora a relação entre Sabedoria e a perspectiva de vida para os excluídos. Como parte da literatura sapiencial de Israel, o livro de Provérbios, especialmente no capítulo que conclui a primeira coleção do livro (1-9), apresenta a casa da Sabedoria como espaço de abrigo, proteção e hospitalidade para as vidas ameaçadas.

Tradução provisória⁶

v. 1	A Sabedoria	construiu a sua casa, talhou ⁷ sua coluna sete,
v. 2		carneou sua matança, misturou seu vinho
	e	preparou sua mesa.
v. 3		Mandou suas jovens
	(para) gritar;	sobre as costas (das) elevações (da) cidade:
v. 4		– “quem simples entre até aqui, carente de coração disse ⁸ para ele:
v. 5	Vinde	comi (em) meu pão, bebei (em) vinho (que) misturei

⁶ Para a tradução e crítica textual foi usada a versão do texto hebraico da Bíblia Hebraica. ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm; SCHENKER, Adrian. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. verbesserte Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997. p. 1.286. Doravante essa fonte será identificada pela abreviatura BHS e o texto hebraico por TM = Texto Massorético.

⁷ No versículo 1b, a palavra traduzida por “talhou” (הַצִּיָּדָה) apresenta variantes na LXX, na versão Siríaca e no Targum. Embora a versão Siríaca e o Targum discordem da LXX em mínimos detalhes, J. Fichtner, autor do aparato crítico, sugere que a expressão (ἐπιήρεισειν) (3 p. sg. aoristo indicativo de ἐπερέιδω) deva ser lida (הַצִּיָּדָה) (3 p. sg. f. perf. hifil de נָצַב – estabelecer) e não “talhou” (הַצִּיָּדָה) (3 p. sg. f. qal de הִצַּב – talhar), como aparece no TM. Nessa proposta de Fichtner é reforçada a função da Sabedoria. A ideia que o TM deixa transparecer é que a Sabedoria sofre uma transformação. Praticamente só a LXX é arrolada como testemunha, visto que o Targum e a versão Siríaca também apresentam diferenças, embora pequenas. Por isso a proposta de Fichtner será retomada no passo da exegese que trata da Palavra.

⁸ No versículo 4b, J. Fichtner observa que a palavra “disse” (אָמַרָהּ) (3 p. sg. f. qal de אָמַר – dizer) é apresentada na versão Siríaca com a transliteração do (ḥ) (w’mr), devendo, por isso, ser lido (אָמַרָהּ) (perf. consecutivo qal), como ocorre no v. 16. Contudo, no v. 16 o verbo apresenta outra vocalização (אָמַרָהּ). Chama atenção que no v. 16 a expressão (וְהִסְרָהּ) também recebe a conjunção (וְ), ficando (וְהִסְרָהּ), enquanto que o autor do aparato não sugere alterações. Além disso, a tradução da LXX não permite harmonização, pois no v. 4 emprega o verbo no aoristo “disse” (ἐἶπεν), enquanto que no v. 16 (λέγουσα – participio presente feminino de λέγω – dizer). A proposta de alteração do TM a partir da versão Siríaca sugerida por J. Fichtner traz mais problemas que soluções. O sentido do TM praticamente não é alterado. Além disso, o apoio da versão Siríaca não é argumento suficientemente forte para efetuar a alteração proposta.

No interior da primeira coleção, verificamos que o último capítulo ocupa uma posição especial. Embora toda a coleção tenha por tema a *hokma*, no capítulo 9 a Sabedoria é apresentada de forma personificada.

O texto de Pv 9.1-6 apresenta características próprias em relação ao todo do capítulo, mas também com relação a Pv 8.

Pv 8 começa com uma introdução (8.1-11) e termina com uma exortação (8.32-36). O tema do capítulo é a Sabedoria. Quem tem a Sabedoria tem a vida e o favor de Javé; quem odeia a Sabedoria é amigo da morte. A partícula *ki* (כִּי) do v. 35 conduz para a conclusão do capítulo.

O capítulo 9 inicia com uma nova temática: o banquete da Sabedoria (9.1-6). Na sequência do v. 6, o verso 7 começa com um particípio, que rompe a sequência e coesão do texto. Se nos versículos anteriores a tônica verbal é marcada pelo imperativo, agora o tempo verbal passa a ser outro. Essa observação, mais as características de forma e a temática dos v. 7-12, levam à afirmação de que este texto compõe uma das unidades do capítulo.

A partir do v. 13, temos outro corte no capítulo. O sujeito na segunda pessoa do singular do v. 12 dá lugar à loucura. Os v. 13-18 são marcados pela “personificação” da loucura.

Em resumo, podemos dizer que o capítulo 9 estabelece o fim da primeira coleção do livro de Provérbios. No capítulo anterior, a Sabedoria tem a palavra. Ela discursa, aconselha e adverte. A partir de 9.1, fala-se **da** Sabedoria. O deslocamento do sujeito, a mudança verbal, mais a temática permitem uma clara delimitação dos v. 1-6 dentro do capítulo e em relação a toda a coleção.

b) O texto de Pv 9.1-6

Nosso texto inicia com a palavra *hokma* (Sabedoria) e termina com outro substantivo, *binah* (entendimento). O condicionamento mútuo do sentido de ambos os significados estabelece um arco de linguagem no qual se insere todo o texto. Sabedoria e conhecimento emolduram, respectivamente, o começo e final do trecho.

No v. 1 é apresentada uma afirmação: “a Sabedoria construiu a sua casa”. Essa tese/afirmação é desdobrada nos v. 2 e 3. O v. 4 esclarece os destinatários, os contemplados com as obras/feitos da Sabedoria. São os destinatários do convite. Nos v. 5 e 6 é apresentado o próprio convite.

Todo o conteúdo gira em torno do banquete, seus preparativos e convidados. A ideia de que a “Sabedoria construiu sua casa” é descrita em várias cenas. Primeiro, ela “talhou suas sete colunas”. Depois vêm a matança dos animais, a mistura do vinho e a preparação da mesa. A terceira e última cena é introduzida com o envio das criadas para os lugares altos da cidade.

A *sequência* do texto é marcada pela seleção dos convidados da Sabedoria: “os simples e de coração carente”. A esses é destinado o convite: participar do banquete e andar no caminho do entendimento.

A dinâmica do conteúdo de Pv 9.1-6 permite-nos dividir o texto da seguinte maneira, destacando três partes:

- v. 1-3 o que faz a Sabedoria,
- v. 4 destinatários do convite,
- v. 5-6 o convite.

As observações até aqui mencionadas permitem concluir que Pv 9.1-6 é uma perícope. Compõe uma unidade de linguagem e sentido com início e final bem definido. A sequência orgânica do conteúdo evidencia a unidade de sentido da perícope.

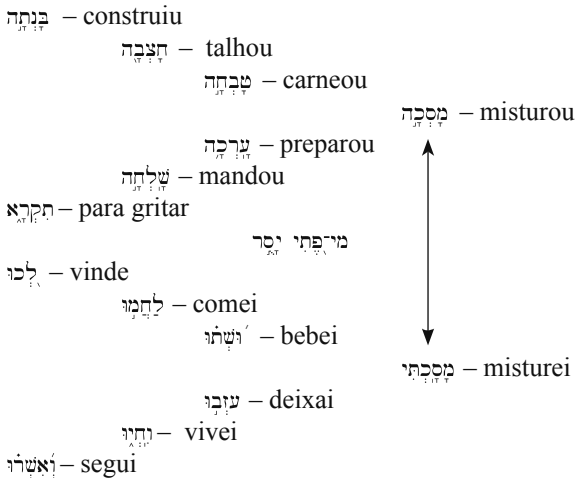
A perícope em questão apresenta uma peculiar correlação entre formas verbais e substantivos. A moldura do texto é configurada por dois substantivos: sabedoria e entendimento. Todos os *substantivos* do texto se encontram no gênero feminino.

Na dinâmica dos *verbos* está o miolo do texto. Nos v. 1-3, todas as formas verbais estão a indicar uma ação já concluída, completa (perfeito). A concordância de gênero também é flagrante. Todos os verbos se encontram na terceira pessoa do feminino singular, no perfeito “qal”.

A sequência narrativa dos três primeiros versículos é interrompida no v. 4. Introduzido com o pronome interrogativo “quem” (מי), o versículo quer chamar a atenção. Ao que parece, não só o pronome, mas todo o versículo é uma construção característica. Aliás, a expressão se repete mais uma vez na coleção (Pv 9.16). Pela analogia com 9.16, trata-se de uma espécie de “fórmula de convite” (מִי־פָתִי יִסֵּר).

Os versículos seguintes apresentam um espetáculo de verbos imperativos e um verbo no passado, no imperfeito. Ao todo são sete verbos. Antes da “fórmula de convite” também temos esse número de verbos. Os verbos da raiz *massak* (מִסָּכָה - מִסָּכָהּ e מִסָּכַחִי) aparecem em quarto lugar na sequência, tanto antes como depois da “fórmula de convite”.

Não há dúvida de que os verbos constituem a espinha dorsal de nosso texto. A “fórmula de convite” marca a divisão de tempo; tempo completo (perfeito) e incompleto (imperativo e imperfeito). A simbologia dos verbos expressa em números confere harmonia à obra da Sabedoria.



A observação do texto permite identificar algumas características quanto ao *estilo*. O paralelismo formal não é expressivo. O texto encontra sua riqueza de expressão em outros aspectos. A correspondência de conteúdo é um deles. Outro recurso estilístico é a repetição de palavras e a repetição de sentido, especialmente no começo e final. A própria descrição da Sabedoria é ilustrada com a comparação à casa, ao banquete. A sonoridade do texto passa a ter importância na medida em que “a fórmula de convite” surge na perícope.

c) Gênero literário

A forma literária clássica do gênero sapiencial é o *mashal* (משל). No cânon, temos três livros que representam esse gênero: Jó, Provérbios e Eclesiastes. O assim chamado “Pentateuco Sapiencial” inclui ainda os livros de Sabedoria e Eclesiástico, incluídos no cânon da Bíblia Católica.

O *mashal* é um processo literário versátil. É aplicado a diversos poemas (Nm 21.27-30; Sl 49.5), a oráculos (Nm 23.7), a discursos (Is 14.4; Mq 2.4), a ditos populares, máximas ou provérbios (1 Sm 10.24; Ez 12.23ss).¹⁰

A Bíblia grega traduz o termo hebraico *mashal* (משל) por *paroimía* (παροιμία). Na tradução para o latim, com a Vulgata, surge a palavra *Proverbium*, plural *proverbia*. Tanto a LXX como a Vulgata empobrecem a abrangência de sentido do termo *mashal*. *Provérbia* e *paroimía* evocam apenas a ideia de “dito” e “máxima”.

Pela etimologia da palavra, *mashal* pode significar desde comparação/parábola, fábula, dito, até o provérbio. Para L. A. Schökel, o *mashalim* (משלים) são ditos populares (1Sm 24.14; Ez 16.44) que, com o passar do tempo, se transformaram em sentenças mais estilizadas. Desarraigados de seu contexto, os *mashalim* não mais se restringem a ditos e sentenças breves, mas pelas mãos dos sábios se transformam em enigmas e poemas numéricos. A significação de *mashal* tornou-se tão generalizada a ponto de designar “qualquer tipo de literatura sapiencial”¹¹.

Os gêneros ou formas sapienciais mais característicos do livro de Provérbios são a “sentença” e o “conselho”. A forma verbal comum na “sentença” está no indicativo. O “conselho” aparece na forma verbal do imperativo.¹²

O texto de Pv 9.1-6 é um poema didático.

O lugar em Provérbios 9-1-6

a) Localização do gênero

O gênero *mashal* não foi inventado por Israel. Existem testemunhos escritos datados do terceiro milênio, em especial, de literatura sapiencial egípcia e mesopotâmica.

¹⁰ ROBERT, A.; FEUILLET, A. *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Herder, 1967-1970. p. 161.

¹¹ SCHÖKEL, Luis Alonso; VÍLCHEZ LÍNDEZ, J. *Sapienciales I: Proverbios*. Madrid: Cristiandad, 1984. (Nueva Biblia española). p. 97.

¹² SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 70.

H. Gunkel foi o pioneiro em suspeitar que a poesia proverbial deveria ser buscada no Egito e não em escritos proféticos e sapienciais do AT. P. Humbert praticamente consolida a tese de que a literatura sapiencial israelita depende da estrangeira, em particular da egípcia, mas também da mesopotâmica e síria.¹³

Estudos posteriores concentraram a atenção nas civilizações do Antigo Oriente (AO). Cada civilização teve um centro de cultura em seu próprio território. Os principais focos de cultura são encontrados juntos às cortes dos reis e príncipes ou nos grandes santuários. No AO se destacam como centros de cultura o Egito, a Mesopotâmia e o norte da Síria (Ebla). Seguindo as rotas das caravanas, a produção cultural dos grandes centros alcançava todas as partes povoadas.

A literatura sapiencial desenvolvida no Egito fundamenta-se basicamente nas *instruções*, ou seja, no ensino do rei ao príncipe, do magnata a seus filhos, do escriba a seu sucessor. Em geral, o aprendiz é chamado de “filho”. Das várias “instruções” egípcias, a mais importante é a de Amenemope.¹⁴ Esse escrito tem forte parentesco com Pv 22.17-23.14.

Não só a literatura sapiencial, mas praticamente toda a literatura do AT recebeu influência mesopotâmica. Numericamente os testemunhos da literatura sapiencial mesopotâmica não são tão expressivos. Porém sua influência é indiscutível.¹⁵

Além da influência dos grandes centros culturais do AO, a literatura sapiencial israelita também recebeu influência de culturas e etnias que habitavam a terra de Canaã.

W. F. Albright¹⁶ é defensor da influência cananeia e fenícia na literatura sapiencial israelita. Segundo Albright, as tribos assimilaram a língua e a cultura da população cananeia.

E. Gerstenberger defende a influência da “família” na literatura sapiencial. A “sabedoria popular” estaria ligada ao povo. A origem da sabedoria estaria ligada à vida do clã, da grande família. Essa tese também é invocada para firmar a influência de Canaã na literatura de Israel.

Além dessas influências, a própria terra de Canaã também foi influenciada pela literatura sapiencial das grandes civilizações. Israel é o ponto de convergência, a síntese, o ponto comum da sabedoria cultivada em contextos e épocas diferentes.

Para a Sabedoria em Israel, a pesquisa tem apontado três contextos. Nesse chão o gênero teria sua origem e desenvolvimento.

a) Na *fase oral* ou pré-literária, as raízes da sabedoria se encontram na vida do povo. Não se têm “coleções”, apenas a experiência vivida. Os acontecimentos vividos

¹³ SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 42.

¹⁴ Trata-se do quarto faraó da XXI dinastia. Governou o Egito durante o Terceiro Período Intermediário entre 993 e 984 a. C. Cf. PRITCHARD, James B. *The Ancient Near East: an anthology of texts and pictures*. Princeton: Princeton University Press, 1958. p. 421ss.

¹⁵ Cf. VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999. 268 p. (Bíblica (Loyola) 25). p. 25.

¹⁶ Ver SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 45.

e experimentados não são escritos nem em pedra nem em madeira, mas articulados em ditos fáceis e breves que o povo pode guardar na memória.

b) Uma forma mais precisa aponta para a *família* como matriz da sabedoria popular. No contexto onde a pessoa nasce e se prepara para a vida, surge a sabedoria; o pai, chefe do clã, do grupo, da família, é depositário e transmissor da tradição.

c) A *escola*, enquanto instituição real, é antiga e funcionava no Egito e Mesopotâmia. Era o centro de formação das elites reais. Era elitista e servia para a formação e educação de príncipes, dos filhos dos poderosos e altos funcionários da corte. Esse tipo de instituição também é encontrado na síria e Fenícia.¹⁷

A. Klostermann defende a existência de escolas no Antigo Israel. Israel teria adaptado as escolas do Egito e Mesopotâmia, onde estavam a serviço do rei e das camadas privilegiadas. Esse tipo de escola mantida pela casa real teria florescido no tempo de Salomão e Ezequias. Porém os pesquisadores apontam para algumas diferenças da escola em Israel com as demais. A escola da corte em Israel seria mais democrática que a egípcia (J. Hempel); não era elitista (J. Fichtner e B. Lang). Nas escolas se aprendia a ler e escrever, tudo em função do ofício a ser desempenhado.¹⁸

Além da escola da corte, deve ter havido algo semelhante no templo em Jerusalém, especialmente para a educação dos levitas.

Esse vasto panorama de contextos oferecido pelo gênero *mashal* tem dado margem à multiplicidade de interpretações do texto de Provérbios. A partir do contexto cultural são apresentadas duas hipóteses. Nelas é destacado o sentido cultural e sexual de Pv 9.1-6.

a) Cultural: O argumento básico para defender o sentido cultural é extraído das expressões “sete colunas” e “banquete”. Pensa-se que colunas e pilares sejam alguma referência ao templo. O número “sete” seria sagrado. Essa hipótese é reforçada com exemplos arqueológicos de templos com sete pilares ou contendo sete figuras ou objetos em seu interior. As “alturas” são interpretadas como a acrópole.

O banquete seria uma referência à prática sacrificial. Em Pv 7.14, as vítimas são designadas por “sacrifícios” (זִבְחֵי), e em 9.2 é empregado o termo “matou” (שָׁבַח). Em Ezequiel 23.41 fala-se, em contexto cultural, de uma “mesa preparada” (לֶחֶם עֲרִיבָה). Contudo, esses indícios parecem ter pouca consistência. No salmo 23.5 também se fala em “preparar a mesa”, porém para reforçar a imagem do anfitrião.

Outro argumento para defender o sentido cultural é a palavra “vivei” (חָיִי) (v. 6). Esse termo teria correspondência na declaração sacerdotal, semelhante ao que acontece em Ezequiel 18 (“portanto, convertei-vos e vivei – וְהָשִׁיבוּ וְחָיִי 18.32).

Não resta dúvida de que a interpretação cultural específica o sentido de palavras e informações do texto que são ambíguas: casa – templo, altura – acrópole, banquete – sacrifício. No entanto, restam algumas dificuldades. Primeiro, por casa pode-se entender uma simples casa ou um palácio. A construção de ambos pode apresentar sete colunas. Segundo, o texto diz “a sabedoria construiu a sua casa”. Se a sabedoria

¹⁷ VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1999, p. 33.

¹⁸ SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 45.

estivesse em lugar da divindade, não constrói, mas é construída pelos adoradores. Se a sabedoria é adoradora, então a casa não é sua, mas da divindade.

Schöckel¹⁹ rejeita o sentido cultural. Porém afirma tratar-se de uma grande festa oferecida por uma madame rica em seu novo palácio. O banquete seria apenas uma imagem do aprender como um comer e beber. Imagens semelhantes aparecem nas palavras proféticas e até da lei se fala como manjar (Dt 8.3; Is 55.1-3; Am 8.11 e no NT, Hb 5.11-14).

b) Sexual: A sabedoria seria a deusa do amor. As criadas suas adoradoras (cf. Pv 7). Schöckel também rejeita essa hipótese. Novamente afirma que a sabedoria é uma mulher rica que conta com grande número de criadas e que busca convidados para seu banquete. O texto nada insinua a respeito de algum convite ao amor.

Outra hipótese afirma que o sentido cultural e o sexual confluíram no culto a deusa do amor Istar, em cuja honra as servidoras do templo e outras adoradoras praticavam, regular ou excepcionalmente, a prostituição sagrada.²⁰

Parece que tanto o sentido cultural, o sexual e sua confluência em Istar são uma interpretação por demais simbólica e alegórica do texto. Além dos argumentos contrários arrolados por Schöckel, acrescentamos ainda os seguintes: Primeiro, os v. 1-3 são marcados por um profundo ar familiar. Nada transparece do ambiente sacrificial, muito menos do templo. A casa também não é palácio. O contexto não autoriza tal interpretação. Segundo, dificilmente uma senhora rica daria um banquete em seu novo palácio preparando a mesa no chão ou com as características da mesa mencionada no texto. Terceiro, não há indício de prostituição sagrada no texto.

Visto que o contexto cultural (por sinal não especificado) não oferece indícios convincentes o bastante para localizar o contexto de Pv 9.1-6, voltamos nossa atenção ao contexto literário.

O texto de Pv 9.1-6 é uma construção literária em cuja origem se destacam três vertentes diferentes.

V. 1-3 – Apresentam uma linguagem caseira. No v. 1 é descrita a casa israelita, sua arquitetura básica, que é marcada pelas colunas. O texto condensa uma série de imagens próprias do ambiente da casa: animais (aves), vinho misturado com água e tempero; uma prática bem caseira e artesanal. A mesa, um tapete de couro deitado no chão. As filhas (servas ou jovens) são as pessoas que convivem no ambiente familiar. Elas são enviadas a lugares estratégicos, onde normalmente os mensageiros se posicionavam.

Pv 9.1-3 está localizado no âmbito da casa. Não é palácio nem se encontra na cidade. É um texto cuja origem está na tradição oral e rural. O fato de enviar as filhas à vila oferece indícios para pressupor que a casa está fora de seu âmbito. É possível que originalmente esses versículos transmitissem informações sobre uma festa de inauguração da casa da família, do clã.

¹⁹ SCHÖCKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 245.

²⁰ SCHÖCKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 248.

v. 4 – Essa “fórmula de convite” deve ter existido separadamente. Não era uma fórmula fixa. Sua variação está ligada à finalidade e ocasião. Seu uso era bastante amplo. Empregada sempre que pessoas eram convidadas ou chamadas a se congregar. Embora seu uso geral, a fórmula de Pv 9 deve ter sua origem no contexto da festa, expressão usual no contexto familiar.

Alguns textos da coleção de 1-9 mencionam os destinatários do convite, à semelhança de Pv 9.4 (1.20, 21,22; 7.7; 8.1,2,5; 9.14,15).

V. 5-6 – Enquanto nos v. 1-3 é falado de carne e vinho, aqui se fala de pão e vinho. A sequência de imperativos e a forma do texto dão indícios acerca da prática do ensino. Dentro da prática do clã, do ensinamento, da tradição oral está a raiz desses versículos. Nos v. 5-6 transparecem traços da prática clânica, do ensino caseiro.

Pelo conteúdo e construção literária, esses versos também devem ter existido separadamente. Foram agrupados para compor o poema da sabedoria.

Resumindo: Pv 9.1-6 é um poema composto de três partes autônomas. É possível que cada uma delas tenha tido uso isolado antes de serem agrupadas no poema. O arranjo para a atual forma literária coincide com a criação da coleção de Pv 1-9 e 31.10ss. Nesse tempo da redação, a tradição é incluída no ensinamento (v. 6). Todo esse trabalho de releitura e composição tem como pano de fundo a escola rabínica, influenciada pela cultura grega.

b) Autoria

Em Pv 1.1 Salomão aparece como autor da coleção. Porém, no início da segunda coleção, a autoria é mais uma vez atribuída a Salomão (10.1). A pesquisa de Provérbios reconhece tratar-se de pseudonímia. Assim como a lei é atribuída a Moisés, os Salmos a Davi, Sabedoria a Salomão. No entanto, essa atribuição não é casual. Nos tempos de Salomão verifica-se uma intensa atividade na área sapiencial.²¹

A tese mais aceita diz que Provérbios 1-9 e 31.10-31 foram compostos pelo editor do livro. Por ocasião da composição de Provérbios, o editor teria elaborado uma introdução (1-9) e um epílogo (31.10ss) para as demais coleções.²²

Se tomamos como pressuposto que Pv 9.1-6 é formado por três partes, então não há dúvida de que o poema é uma composição literária. É duvidoso afirmar que o poema já existia antes de ser formada a coleção. Pode-se dizer que o poema foi agrupado para fechar a coleção. Nesse caso, houve uma retocada final no texto. Pelo teor de Pv 9.1-6 em particular e da coleção em geral, a autoria deve ser atribuída ao trabalho editorial de uma mulher. A linguagem e familiaridade com o mundo feminino apontam nessa direção. Dificilmente a autoria literária pode ser atribuída a um homem.

²¹ BENTZEN, Aage. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1968. p. 173s.

²² SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 105.

c) Época

Há duas suspeitas na datação da coleção de Provérbios 1-9.

a) Antes do exílio: O argumento principal é a linguagem. A forma final com “ot” é tida como um feminino arcaico, ao estilo cananeu e fenício. O “t” final seria primitivo e a vogal “a” transformada em seu derivado fonético “o”.

W. F. Albright coloca os capítulos 8 e 9 de Provérbios no tempo pré-exílico, por conter influências fenícias e ugaríticas. O argumento de Albright faz pressupor que eventualmente Pv 9.1-6 já existiu como poema antes da editoração do livro. Tanto a transmissão como a redação final das diferentes partes do poema conservaram as características do contexto de onde surgiram. Sendo assim, o atual texto conserva uma linguagem de fundo arcaico.²³

b) Pós-exílico: No livro de Ben Sira ou Eclesiástico, há uma referência a Provérbios. Sira 47.17 tem presente o livro de Provérbios. Além disso, os LXX e o TM colocam 1-9 e 31.10-31 como começo e final do livro. Quanto às demais coleções, há divergências na distribuição do material.

Esses indícios permitem localizar a época de redação de Provérbios por volta de 190 a. C. Esse período coincide com a época de dominação selêucida na Palestina (198-129 a. C.).

Resumindo: A coleção de Provérbios 1-9 é recente. No entanto, conserva traços bastante primitivos da linguagem e costumes de Israel. Por causa do livro de Eclesiástico e do testemunho dos LXX, a época da apresentação do livro de Provérbios tal qual temos hoje gira em torno de 190 a. C.

Palavra

Aqui pretendemos observar alguns detalhes no texto de Pv 9.1-6 e verificar o sentido de algumas palavras.

a) A Sabedoria

A palavra *hakmot* (חַכְמוֹת) – “ditos/provérbios” – consta apenas três vezes no livro de Provérbios. Trata-se de uma palavra de gênero feminino, plural construto. Pelo verbo que a segue, deve ser compreendido como um plural abstrato. O termo mais frequente em Provérbios é a forma singular *hakmah* (חֲכָמָה) – “sabedoria”.

O sentido de *hakmah* (חֲכָמָה) é amplo. Em geral, significa conhecimento técnico e a capacidade profissional em construção (Êx 28.36; 1Rs 7.14), guerra (Is 10.13), por exemplo. No livro de Provérbios trata-se do conhecimento adquirido. Nesse sentido, pode significar a sabedoria dos sábios, o conhecimento adquirido em função da educação; orientação prática, ligada à vontade de conhecimento orientador; e ainda o conceito central da doutrina sapiencial.²⁴

²³ SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 104, nota 54.

²⁴ RAD, 2006, v. I, p. 430-454.

O termo *hakmah* (חֵכְמָה) tem como sinônimo a palavra *bin* (בִּינָה) e seus derivados: *binah* (בִּינָה) – “entendimento” (Gn 41.33; Dt 4.6; 1Rs 3.12; Is 3.3, 5.21; Pv 1.5, 13, 15, 16.21). Também *nabon* (נְבוֹן) – “discernimento” (Is 11.2; Dt 4.6) e *thebunah* (תְּבוּנָה) – “compreensão” (Jr 10.12; Sl 49.4). Além desses, expressam o sentido de *hackmah* (חֵכְמָה) os substantivos *da’at* (דַּעַת) – “reconhecimento” (Is 11.2), *madah* (מַדָּה) – “pensamento” (Dn 1.4), *sheckel* (שֶׁקֶל) – “observação” (Sl 111.10), *etzah* (עֵצָה) – “conselho” (Jr 49.7), e *mussar* (מוֹסָר) – “disciplina” (Pv 1.2, 7). Com frequência *tzadig* (צַדִּיק) – “justo” também aparece como sinônimo de *hakmah* (חֵכְמָה) (Pv 9.9, 11.30, 23.24).²⁵

Entre as palavras que expressam uma ideia contrária a *hakmah* (חֵכְמָה) encontramos: *nabal* (נָבָל) – “louco” (Dt 32.6); *saqal* (סָקַל) – “insensato” (Ec 2.9); *less* (לֵץ) – “arrogante” (Pv 9.8, 13.1, 15.12, 21.11) e *atzel* (עֲצֵל) – “preguiçoso” (Pv 26.16). O antônimo de *hakmah* (חֵכְמָה) mais frequente no livro de Provérbios e também de Eclesiastes é *kesil* (כְּסִיל) – “tolo”, “estúpido”.²⁶

No texto de Pv 9.1-6 o significado de *hakmah* (חֵכְמָה) é genérico e *hakmoht* (חֵכְמוּתָה) é um termo técnico para expressar um conceito ético-doutrinário, ou seja, a Sabedoria como conceito do movimento sapiencial.

À Sabedoria é atribuída uma atividade humana, a construção. O verbo *banetah* (בָּנְתָהּ) – perfeito qal de *banah* (בָּנָה) em geral, rege os seguintes objetos: casa, muralha, cidade, altar. Em mais da metade das ocorrências no Antigo Testamento é empregado no contexto da edificação do templo. Os materiais de construção podem ser a pedra (Ne 5.35), o ladrilho (1Rs 15.22; Am 5.11), a madeira (1Rs 15.22), especialmente o cedro (2Sm 5.11) em forma de coluna (1Rs 7). O sentido do verbo é a edificação geral e especializada, que pode incluir fabricação de ornamentos artísticos. Em Dt 20.5 e 22.8 são encontradas prescrições sobre a construção de casas.

“Construir casa” muitas vezes aparece como uma expressão metafórica que significa fundar uma família, criar uma posteridade (Dt 25.9; Rt 4.11; Jó 22.23). Construir casas e habitá-las é sinal de bênção de Deus (Dt 6.10s).

Segundo Hulst, apenas em duas passagens do Antigo Testamento o sujeito do verbo é abstrato, a saber: Pv 9.1 e 14.1.²⁷

A Sabedoria construiu sua *bait* (בַּיִת). O termo casa pode significar uma construção com vários edifícios. Cada edifício ou parte do mesmo pode ser chamado de casa.

Como lugar de residência (Jó 17.31), *bait* (בַּיִת) pode expressar a habitação em si, a comunidade de pessoas, os habitantes da casa (Js 24.15) e até mesmo tudo o que há na casa (Gn 15.2; Êx 20.17). Na sociedade tribal, a comunidade (Gn 7.1), o clã (Jr 55.2), é designada por *bait* (בַּיִת).

²⁵ SAEBO, M. סָבִיב *Ser Sabio*. In: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Diccionario Teologico: Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978-, v. I, p. 782.

²⁶ SAEBO, M. סָבִיב *Ser Sabio*. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 776-789.

²⁷ HULST, A. R. בָּנָה “Construir”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 472-474.

O edifício (Gn 33.17), a casa firme construída com madeira (1Rs 5.22s) ou pedra (1Rs 6.7) servia de moradia para a família (Dt 19.1), incluindo homem, mulher, filhos naturais, adotados dependentes, escravos, escravas (Êx 20.10).

Além desses sentidos, *bait* (בַּיִת) também é empregada para designar o interior de uma habitação, oposto a *hotz* (חוּץ) – o exterior, o lado de fora.

A expressão *betah* (בֵּיתָהּ) tem sido compreendida como um aramaismo.²⁸ Além do sufixo, *bait* (בַּיִת) leva também o (ה) local. *Beitah* (בֵּיתָהּ) sublinha a especificidade do empreendimento da Sabedoria. Por isso provavelmente *Beitah* (בֵּיתָהּ) se refere à casa do ensino, espécie de escola, associada ao movimento da Sabedoria.²⁹

Com a palavra *hazebah* (הַצְּבָהּ qal de הִצַּב) a linguagem hebraica expressa a arte do marceneiro. Talhar e esculpir são termos que expressam um dos ofícios da construção.

Em Pv 9.1, trata-se de preparar as colunas, os pilares de sustentação da cobertura da construção. O verbo *hatzeb* (הִצַּב) expressa mais o caráter ornamental, artístico. Já o número de colunas pode ser variável, dependendo, em muitos casos, do tamanho da própria casa. O número sete (שֶׁבַע), pode até ser real. No entanto, a interpretação alegórica dos pilares erigidos ao redor da sala central da casa é inumerável.³⁰ É preciso destacar que, quando no Antigo Testamento é feita referência a um local, uma pedra ou coluna erigida com finalidade cultural ou com propósitos memoriais, se emprega a palavra (מִצְבָּהּ).³¹

Resumindo, podemos dizer que em Pv 9.1 a Sabedoria construiu um prédio, um lugar para si. Simplificando, podemos dizer que a escola está pronta.

b) O banquete – v. 2-3

O segundo versículo inaugura a descrição da festa preparada pela Sabedoria. Chama atenção o contraste entre a Sabedoria com atributos de divindade (Pv 8) e a mulher ocupada com os preparativos da festa que aqui é apresentada.

O verbo *thabah* (תָּבַח) significa carnear. Não se trata de cortar apenas. Essa ideia é expressa com o verbo *bazah* (בָּצַח). Aqui se trata de providenciar a carne animal. O objeto de matança pode variar. Geralmente o termo *thibhah* (תִּיבַח) designa a carne de gado abatido.

No mundo veterotestamentário, a carne faz parte da alimentação ordinária e festiva. É comum assar (Êx 12.8), cozinhar (1Sm 2.13) a carne crua (1Sm 2.15) de gado (Êx 29.14; Nm 18.17ss), ovelhas (Êx 29.32; Nm 18), cabritos (Lv 16.27; Nm 18.17) e aves (Dt 14.11). O cabrito normalmente era reservado para ser comido em ocasiões festivas (Jz 6.19). Várias passagens do Antigo Testamento mencionam a alimentação com carne de aves (Lv 17.13; Jó 18.8; Sl 124.7; Pv 6.5; Os 7.12; Am 3.5).

²⁸ JENNI, E. בית “Casa”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 452-457.

²⁹ HOFFNER, H. “Casa”. In: RINGGREN, Helmer; BOTTERWECK, G. Johannes. *Diccionario Teológico del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978. v. I, p. 636-646.

³⁰ DELCOR, M. מִצְבָּה “Mandar”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 1.142-1.149.

³¹ LABUSCHAGNE, J. C. מִצְבָּה “Chamar” In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 838-849.

Durante as peregrinações do Êxodo, bandos de codornas serviram de alimento para o povo (Êx 16.13; Nm 11.33).

A matança da qual fala nosso texto diz respeito à carne proveniente de algum animal ou ave doméstica.

A carne, comida com pão (Is 44.19) ou outros alimentos, era acompanhada do vinho (Is 22.13). Carne e vinho são alimentos para os bons tempos (Dn 10.3).

Além de símbolo da fertilidade e do bem-estar, o *yayin* (יַיִן) é usado também para expressar a devassidão e a vergonha (Is 5.1-7). Por causa da cor, o vinho é chamado de sangue da uva (Gn 49.11; Dt 32.14). O normal é beber o vinho por ocasião de alguma festa. Quando presenteado, significa um presente honrado (1Sm 25.18; 2Sm 16). O vinho também era usado na prática sacrificial (Dt 32.37ss; Is 57.6; Jr 7.18). Os profetas se valem do simbolismo do vinho para expressar o julgamento (Jl 3.13; Is 63.2ss). O livro de Provérbios contém severas advertências contra o vinho (Pv 20.1, 21.17, 23.20). No entanto, a abundância de vinho é sinal de bênção (Gn 27.28; Jl 2.24; Am 9.13; Zc 10.7).

Antes de ser degustado, o vinho era preparado. A mistura mencionada no texto diz respeito às especiarias e temperos. Dependendo do vinho, era acrescentado o cravo, algum tipo de adocicante e até mesmo a mistura de frutas.³² O verbo *maskah* (מָסַךְ – qal, perfeito de מָסַךְ) comunica essa preparação.

A terceira providência na preparação da festa está relacionada com a preparação da mesa. A palavra *schulehan* (שֻׁלְחָן) – mesa, não pode ser confundida com aquilo que se entende por mesa em nossos dias. A mesa preparada da qual fala o texto não é nada mais do que uma porção de couro estendida no chão. Na sala central da casa acontecia a refeição. O couro era estendido no chão e sobre o mesmo eram postos os alimentos. Por ocasião da refeição, todos sentavam ao redor dessa mesa. A preparação da mesa aqui em Pv 9.2 nada tem a ver com o rito sacrificial. O verbo *arekah* (עָרַךְ) – preparar, arrumar, é usado no sentido profano, corriqueiro.

Depois de concluídos os preparativos necessários para a realização da festa, providenciada a comida, a bebida e o local; agora chega a hora de chamar os convidados, conforme costume da época.

O verbo usado no v. 3 para expressar a ordem de envio tem sentido amplo. Apesar de contras 847 vezes no Antigo Testamento, especialmente em textos narrativos, em Provérbios ocorre apenas cinco vezes. O significado básico de *shalah* (שָׁלַח) é enviar alguém. Em pelo menos 450 passagens, *shalah* (שָׁלַח) significa enviar alguém com algum encargo determinado, com uma mensagem (Gn 24.7; 2Sm 11.14; Dt 9.23; 1Rs 8.44). Em 40 ocorrências significa o envio de presentes e mercadorias.³³

Em nosso texto são enviadas as *naarotehah* (נְאֻרֹתָיִךְ). O significado dessa palavra é variado. Elas são moças, jovens com a função de servas, criadas.³⁴

³² HULST, A. R. עֵינַי “Ciudad”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. II, p. 346-351.

³³ SAEBO, M. חָכָם *Ser Sabio*. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 1.145.

³⁴ SAEBO, M. חָכָם *Ser Sabio*. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 1.145.

A tarefa das moças é clara: chamar os convidados. O verbo *karah* (קָרָה) é usual em hebraico. Significa chamar. Trata-se da comunicação com o som da voz (1Sm 17.8). Daí provém o significado “gritar”. Junto com o sentido de “gritar” está a proclamação (Lv 13.45), a declaração (Sl 89.27) e o anúncio (Et 6.9,11). Empregado em sentido jurídico, tem o significado de convocar (1Sm 22; Is 59.4). Na literatura profética é empregado como termo técnico para anunciar. Também é o verbo usado para anunciar uma festa (Lm 1.15) ou um dia esperado (Is 61.2).³⁵

Em geral, o verbo *schalah* (שָׁלַח) precede *karah* (קָרָה) (Gn 27.42; Êx 9.27; Nm 22.5; 1Rs 2.42; Jr 9.16). Somente quando se refere ao grito relacionado com comida, adota o significado de convidar (Êx 2.20; Nm 25.2; 1Sm 16.3).

As moças não são enviadas a esmo. O lugar dos convidados para a festa tem endereço. O destino das jovens é convidar pessoas nas partes altas da vila, da *kareth* (קֶרֶת).

Habitare lugares altos era costume cananeu. As cidades cananeias distinguem-se pelo destaque dado aos lugares altos. Mesmo depois de serem conquistadas, o lugar alto manteve sua importância (1Sm 9.12; 1Rs 3.2; Am 7.9). Geralmente, a colina era também o lugar do santuário. Ali eram realizados os sacrifícios e oferecidas as festas (Dt 14.26).

A *merohme* (מֵרוֹמֵי) – “elevação” – mencionada em Pv 9.3, não é de uma cidade. A “cidade” (עִיר) é a cidade fortificada. A colina protegida por um castelo é chamada de *yir* (עִיר) (Dt 3.5). Um povoado sem muralha, mas com algum sistema de proteção contra animais selvagens é chamado de *hatzer* (חֲצֵר) (Lv 25.31).³⁶

Aqui se trata, de fato, da vila, a *peratzi* (פְּרָצִי). A vila geralmente se encontra situada junto à cidade. Ao lado da cidade era possível a localização de um grande número de vilas (Dt 3.5), uma espécie de subúrbio. Mesmo do lado de fora dos muros da cidade, a vila quase sempre estava próxima e sob proteção da mesma. A vila *kereth* (קֶרֶת) era ocupada pelo excedente populacional da cidade.³⁷

Resumindo: Entre os preparativos para a festa consta a matança de galinhas, a mistura do vinho e a colocação de couro no chão com os utensílios para a refeição. Por último, as moças são enviadas aos lugares altos das vilas, para os morros.

c) Os convidados – v. 4

Não só o lugar do convite é geográfica e sociologicamente delimitado. A precisão do texto vai além. Lá no alto da vila são convidados os *pethy* (פְּתֵי) e *hasar-leb* (חֲסָר־לֵב). Quem são eles?

A fórmula começa com um *mih* (מִי) indefinido. O “quem” é especificado pelo substantivo singular *pethy* (פְּתֵי). O termo usado no singular insere em si um coletivo. “Quem ingênuo” significa que o número de convidados é indeterminado. Os ingênuos

³⁵ LABUSCHAGNE, J. C. קָרָה “Chamar” In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 838-849.

³⁶ ORR, James (ed). *The Internacional Standard Bible Encyclopedia*. Chicago: The Haward-Severance Company, 1915. v. 1, p. 224-228.

³⁷ HULST, A. R. עִיר “Ciudad”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. II, p. 346-351.

são convidados a se hospedar na casa. O verbo *yassur* (יָסַר) expressa essa ideia. Porém o termo *pethy* (פֶּתִי) não designa “ingênuo” como normalmente se entende (Pv 1.22, 8.5). Em vários textos aparecem como sinônimos as palavras *baar* (בָּעֵר) – estúpido, tolo (Pv 12.1, 30.2), *less* (לֵץ) – tagarela, enganador (1.22, 19.29), e *kessil* (כְּסִיל) – néscio (Pv 26.1ss, 9.13). Esses sinônimos associados à raiz do verbo *pathah* (פָּתַח), de onde o substantivo deriva, levam a compreender o termo *pethy* (פֶּתִי) como sendo “enganado”, dando a ideia de alguém que foi vítima da esperteza.³⁸

Complementando os destinatários do convite está o “carente de coração” (חֲסֵר־לֵב). Literalmente significa o carente de coração. O “carente de coração” (חֲסֵר־לֵב) é o oposto de “sábio de coração” (חֲכָם־לֵב) (Pv 10.8). Note-se, porém, que o contrário de (חֲכָם) – sábio, é *evil* (אָוִיל) – néscio, louco. Dificilmente *hasar leb* (חֲסֵר־לֵב), pode ser entendido como deficiente mental.³⁹

Ora, o coração é o centro da vida física, sede de emoções (Dt 28.47), sentimentos (Jr 4.19; Pv 14.30), instintos e paixões (Dt 19.6). É também sede da vida intelectual (Dt 6.5; 1Sm 2.35), do entendimento e conhecimento (1Rs 3.12); das fantasias e visões (Jr 14.14). A vontade vem do coração (1Rs 8.17; Êx 36.2). No coração está a atividade consciente e deliberada do ser humano. Inclusive a ideia de responsabilidade está vinculada ao coração.⁴⁰

O mesmo (מִי) indefinido vale para o “carente de coração”. “Quem carente de coração”; para esses vai a palavra, o dizer das moças, o convite para a festa.

Mais do que descrição de qualidades morais, os convidados são as vítimas. Os *pethy* (פֶּתִי), como classe social marginalizada, são os enganados. Os *hasar leb* (חֲסֵר־לֵב), como grupo social específico entre os moradores da vila, representam os privados da atividade intelectual e afetiva.

O texto dá a impressão de que o convite é direto, pessoal, tão familiar como os preparativos da festa. As moças dirigem-se ao carente e enganado. Os *pethy* (פֶּתִי) são abrigados, hospedados na casa construída pela Sabedoria. Aos *hasar leb* (חֲסֵר־לֵב) é transmitida uma mensagem. A tarefa das moças, o grito, o chamado público, aberto e indeterminado contrasta com a intimidade com os destinatários. As moças conhecem os convidados. Sabem quem são eles.

Esse é o caminho da Sabedoria. Ela chama a quem tem necessidade. Não é estranho que a Loucura (9.13ss) faça uso das mesmas palavras para seu convite.

Em resumo, podemos dizer que os convidados são os marginalizados. Primeiro, porque tem de viver do lado de fora da cidade. Vivem na vila. Segundo, porque são vítimas. Por um lado, enganados. De outro, os carentes de coração, ou melhor, os analfabetos.

³⁸ SAEBO, M. חֲכָם *Ser Sabio*. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 1.142.

³⁹ SAEBO, M. *Nescio*. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 138-140.

⁴⁰ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975. p. 61-81.

d) O convite – v. 5-6

As palavras dos versículos 5 e 6 poderiam perfeitamente existir de maneira independente, sem prejuízo para seu conteúdo. Aqui o texto tem uma brusca mudança. Os verbos, as palavras passam a ter outro jeito. Agora é a vez da teoria da Sabedoria.

O verbo *halak* (הלך) serve de introdução para os dois versículos. Esse verbo é o sétimo mais frequente no Antigo Testamento. Aparece 1.547 vezes. O significado básico é transmitir a ideia de movimento, deslocamento. Em geral, vem unido a outros verbos para enfatizar a ordem que deles emana. Em alguns casos, *halak* (הלך) aparece como uma interjeição: eia, vamos (Gn 31.44).⁴¹

Já no v. 5, *halak* (הלך) serve para reforçar a ideia contida no verbo *laham* (לחם). *Laham* (לחם) é sinônimo de *akal* (אכל). Ambos têm o sentido de comer; função básica da vida humana e animal. Aqui o objeto do verbo é o pão.

O *lehem* (לֶחֶם) é a comida principal em Israel. Em tempos remotos, o pão era preparado com a farinha da cevada misturada com feijão e lentilha. Mais tarde, tornou-se comum o pão feito com farinha de trigo, porém apenas entre os ricos. Por causa do preço, os pobres continuavam com o pão de cevada. O termo *lehem* (לֶחֶם) também é usado para designar a comida em geral (1Sm 20.34).

Para a preparação do pão eram necessários, pelo menos, os grãos moídos e a levedura. Depois de amassado, o pão era assado numa chapa (Lv 2.4) ou em forno de barro. O formato do pão era cilíndrico (Os 7.4), achatado e com a grossura de um centímetro com cinquenta de diâmetro. Para facilitar o manejo e também a repartição, já que o pão nunca era cortado, fazia-se um buraco no meio da massa. O pão não era apenas a comida básica do israelita. Marcava presença também em festas e geralmente era servido com outra comida. A carne de peixe era envolvida no pão para ser comida.

Quando aparecia alguma visita inesperada (Gn 19.3), no tempo da colheita, quando o tempo era escasso (Rt 2.14), o pão era assado sem levedura. Por falta de tempo, os grãos somente eram tostados e então comidos. O pão asmo lembra a saída do Egito (Êx 12.8,11,34,39). O pão com farinha de trigo faz parte também da vida cultural de Israel (Êx 25.30).⁴²

O convite das moças não inclui apenas o comer pão. O analfabeto e o que é enganado são convidados também para beber vinho.

Com o verbo *schatah* (שָׁתָה) o versículo expressa a ação de ingerir líquido pela boca. O mesmo termo é usado quando alguém bebe leite, água ou uma bebida qualquer. Em poucas passagens significa a ação de beber como um ato social (Jz 9.27, 1Rs 1.25). A construção comer e beber ocorre com frequência. Quase sempre se refere ao comer pão e beber água (Êx 34.28; Dt 9.9; 1Rs 13.18).⁴³

Com o verbo *massaketi* (מַסַּקֶּתִי) é retomada a ideia do v. 2. A primeira pessoa do singular quer sublinhar o caráter pessoal da festa. A Sabedoria mesma é sujeita dos preparativos para o banquete.

⁴¹ SAUER, G. הלך “Ir”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 683-692.

⁴² MERKEL, F. “Pão” In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *O Novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981-1983. v. 3, p. 444-445.

⁴³ GERLEMAN, G. שָׁתָה “Beber”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. II, p. 1.280-1.285.

A partir do v. 6 é abandonada a ideia do banquete. Com um verbo ligado à tradição da aliança (Dt 29.24; Jr 22.9) os hóspedes da festa são convidados a deixar seu modo e vida.

O imperativo é enfático: (עֲזַבְתֶּם) – “deixai”! Os enganados são convidados a abandonar a ingenuidade (Lv 19.10; Jz 2.21; Ml 3.19). A Sabedoria está convidando. A intenção da Sabedoria é a vida. O abandono da ingenuidade, dos enganos está em função da vida. Essa ideia é transmitida pelo verbo *wiyheu* (וַיַּחֲזִיקוּ). O verbo *hayah* (הָיָה) aparece mais de 800 vezes no Antigo Testamento. Nenhuma vez em Esdras, Neemias e Crônicas. Apenas 14 vezes em livros proféticos. Em Gênesis é empregado para expressar um lugar de residência (Gn 47.28). Nesse versículo (הָיָה) está em oposição a morrer (Gn 42.2; Ez 18.21). A dádiva da Sabedoria é a longevidade.⁴⁴

Para alcançar a promessa da vida é necessário “seguir no caminho”. O verbo *weischru* (וַיִּשְׁרֹךְ) tem o sentido de andar, trilhar. Já o termo *derek* (דֶּרֶךְ) pode ser entendido de duas maneiras. Em sentido geográfico-espacial significa caminho, direção de um movimento. No emprego metafórico-figurativo significa conduta, comportamento, determinados atos fundamentais para a vida.⁴⁵

Caminho de entendimento. Aqui o texto retoma o assunto inicial. O entendimento (בִּינָה) é justamente para compreender o provérbio (בְּשֵׁל) (Pv 1.6), adquirir a inteligência (8.5), entender o caminho (14.8). O objetivo dos Provérbios é o entendimento (בִּינָה) (2.3).

Aqui o reconhecimento intelectual, o discernimento, como a base para a vida boa está associado à concepção socrática de moralidade. Se alguém conhece que é correto, fará o que é certo. Seguir em caminho de discernimento é uma atitude ético-moral. Conversão ou mudança de coração não se encontra nessa passagem.

Tanto o v. 5 como o v. 6 estão próximos do ensino sapiencial. Enquanto no v. 5 é retomada a ideia de festa, o v. 6 se preocupa em prometer o alimento para a vida. Assim como o pão e o vinho estão para a festa, o deixar a ingenuidade e o seguir em caminho de discernimento estão para a vida.

Resumindo: A Sabedoria constrói uma escola. Prepara a inauguração. Provisão e o necessário para a festa. Alimento, bebida e convidados. Enganados e analfabetos recebem alimento para a vida. A Sabedoria convida para uma conduta ética que promete longevidade.

Os lados de Provérbios 9.1-6

A leitura sociológica⁴⁶ aqui proposta é uma tentativa de recolher dados, indícios da economia, sociedade, política e ideologia presentes no texto. Trata-se de uma iniciativa parcial e limitada, porém necessária para a hermenêutica do texto.

⁴⁴ GERLEMAN; G. הָיָה “Ser”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 550-555.

⁴⁵ SAEBO, M. חָכָם *Ser Sabio*. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 1.143. Ver também: SAUER, G. דֶּרֶךְ- “Camino”. In: JENNI; WESTERMANN, 1978-, v. I, p. 466-470.

⁴⁶ WEGNER, Uwe. *A leitura bíblica por meio do método sociológico*. São Paulo: CEDI, 1993. 28 p. (Mosaicos da Bíblia 12).

a) Lado econômico: O primeiro dado econômico de nosso texto é fornecido pela intensa atividade relacionada ao trabalho. Na verdade, o trabalho é a origem de toda atividade econômica. O trabalho movimenta a economia. Ele é responsável pela geração de bens e riqueza.

A densidade da atividade relacionada com o trabalho é indicada pela sequência de verbos: construir, talhar, carnear, misturar, preparar, convidar. Da construção o texto passa para o mundo do trabalho doméstico e alcança a área da comunicação.

Outro indício da atividade econômica está diretamente relacionado com os produtos agrícolas. Vinho, pão e carne não são apenas alimentos. Refletem parte da produção agrícola de Israel. O cultivo de cevada e trigo, a vinicultura bem como a criação de animais são parte da economia judaica. Vinho e farinha são importantes artigos de comércio (2Cr 2.10). Como produtos importantes para a economia, são também utilizados para o pagamento de serviços, impostos e tributos.

b) Lado político: Os indícios acerca do lado político não se evidenciam no que está dito no texto, mas naquilo que o texto não diz. O simples fato de a Sabedoria enviar moças para a vila indica que sua localização é outra. A Sabedoria está fora dos lugares altos da vila. Onde devemos localizá-la? No templo? No palácio? Estaria na sinagoga? Acaso representa uma instituição própria, alguma espécie de academia? Essas são algumas das muitas perguntas que o texto não nos responde satisfatoriamente.

Parece haver certa tensão (conflito?) entre a vila e seus moradores com a Sabedoria e seus propósitos. A Sabedoria arroga-se o poder da vida. Com os moradores da vila estaria a semente da morte. Por trás da Sabedoria e da vila escondem-se dois sujeitos históricos diferentes. De um lado, encontram-se os sábios e seu lugar social. No outro extremo, estão os moradores da vila, marginalizados do convívio cidadão. A Sabedoria quer trazer esses para seu lado, quer cooptá-los para seu campo de interesse. Nessa perspectiva, chama atenção a estratégia política da Sabedoria: oferecer uma festa.

c) Lado social: O primeiro elemento a compor o quadro social do texto é a própria linguagem. O gênero feminino predominante não é somente um recurso de harmonia estilística. Todo texto é produto de condicionamentos históricos. Como fruto de um sujeito histórico (coletivo?) inserido num determinado contexto social, o texto pode perfeitamente ter sua origem no seio da criatividade feminina.

Não há dúvida de que a Sabedoria, sua casa, é uma instituição cuja função social é a educação. Há no texto uma dimensão de profundidade: Sabedoria – casa – mesa. Do amplo se chega ao específico. A mesa é o ponto alto da Sabedoria. É sua realização. A mesa representa o centro da dimensão social da Sabedoria. Na mesa se expressa toda a comunhão proporcionada pela comensalidade.

Entre os figurantes do texto constam as moças, (נְעוּרוֹת) e (הַסְּרִיִּבִּי וְהַפְּתִי). As moças, embora jovens donzelas, têm sua força de trabalho alienada. São servas. Servem a seus senhores e senhoras. Esses, porém, não são mencionados. A “patroa” está implícita na atitude da Sabedoria. Já os “enganados e analfabetos” pertencem a outro contexto social. Então excluídos da vida social da cidade. Seu círculo de relacionamento se encontra na vila.

A vila é um delimitador econômico, político, social e ideológico. Nela habitam os empobrecidos, os sem poder oficial, os marginais, os que aos olhos da Sabedoria se encontram no caminho errado.

O último elemento social do texto a merecer destaque é a festa. Festas são próprias de sociedades onde há excedente de produção e acumulação. A festa é sempre um acontecimento social. Ela acontece num lugar determinado, num dia específico e com convidados selecionados. Também aqui a festa é um acontecimento especial.

d) Lado ideológico: A ideologia dominante é a ideologia do sujeito que domina no texto. Isso se expressa através da Sabedoria. A ideologia da Sabedoria determina o comportamento em conformidade ou não com as normas por ela estabelecidas. A ideologia da Sabedoria não passa de um conjunto de normas de comportamento. Pelo menos duas características se destacam nessa ideologia.

Por um lado, a ideologia da Sabedoria apresenta-se como mobilizadora das atividades e ações humanas. Ela quer desencadear um movimento de mudança, de reforma na conduta, nas atitudes básicas da vida de indivíduos. Por outro lado, essa mesma ideologia é justificadora. Ela não questiona a ordem, o estado das coisas que o texto reflete. Pelo contrário, ela legitima teologicamente o que pretende combater, a saber: a ingenuidade, ignorância. A Sabedoria adapta o indivíduo a uma convivência menos problemática, menos conflitiva na sociedade. Enfim, a ideologia da Sabedoria não prega a transformação da situação social dos “enganados e analfabetos”, mas legitima a mesma com uma proposta que orienta a conduta, que prescreve um caminho ético para o indivíduo. De maneira sublime, o v. 6 transmite o cerne da ideologia da Sabedoria.

A teologia de Provérbios 9.1-6

Até mesmo uma leitura superficial do texto de Pv 9.1-6 há de constatar que o nome de Deus não é mencionado nenhuma vez. A primeira conclusão acerca desse fato poderia ser que não se trata de um texto teológico. No entanto, isso seria um grave equívoco. O discurso sobre Deus não está necessariamente condicionado ao uso de uma linguagem padronizada. Aliás, muitos dos textos bíblicos mais teológicos não mencionam a palavra Deus nem Senhor. Algo semelhante acontece em nossa passagem.

Pv 9.1-6 não menciona o nome de Javé. Porém é um texto teológico. Afinal, está na Bíblia. A teologia do texto não está diretamente explicitada. Ela se encontra implícita. Só a podemos perceber através de palavras contidas no texto. A principal é *hakmah* (חֵכֶם). É a partir da compreensão de Sabedoria que vamos encontrar a palavra de Deus presente na perícope.

Os escritos sapienciais dão testemunho de que a Sabedoria recebeu seu poder e função salvífica de Deus. No contexto ético-religioso israelita, Javé é tido como sábio (Is 31.2). Ele tem a Sabedoria (Jó 12.13). Somente Javé conhece a morada da Sabedoria e o caminho que a ela conduz (Jó 28.23).

A atividade criadora de Deus também está unida à Sabedoria (Pv 3.19). Deus Criador ocupa grande parte da atenção dos sábios. Com sua ação criadora, Javé dá consistência e ordem ao mundo e à vida humana. É Deus mesmo quem comunica o segredo da Sabedoria aos homens. Ele não só reparte Sabedoria (Pv 2.6; Êx 31.6), mas transmite o espírito da mesma (Êx 28.3; Dt 34.9). A Sabedoria inclusive é ensinada por Javé (Sl 51.8).

No livro de Provérbios, encontramos a afirmação de que o princípio da Sabedoria é o temor a Javé (Pv 1.7). O temor a Javé é a fonte da vida (Pv 14.27), começo da Sabedoria (9.10, 15.33; Sl 111.10). Enquanto a insensatez traz desgraça e perdição, a Sabedoria conduz aos caminhos da retidão (4.11). Como fonte de vida, a Sabedoria é mantenedora da mesma. Ela assegura a vida (16.17, 28.26). Com a Sabedoria se evita o mal (14.16) e até os laços da morte.

A Sabedoria também se faz presente nos anúncios de juízo. Nesses, pode ser empregada em sentido histórico-salvífico (Dt 32.6), profético (Os 13.13; Is 5.21; Jr 8.8), escatológico (Is 33.6) e messiânico (Is 11.2; Dt 34.9). Nos livros de Isaías e Jeremias existe uma crítica à Sabedoria. Nesses profetas, é atacada a sabedoria dos sábios de Israel (Is 29.14; Jr 18.18). Essa sabedoria é contraposta à atuação de Javé (Is 29.14), sua Sabedoria (Is 31.2) e Palavra (Is 8.9).

É possível que *hakmah* (חֵכֶּמָה) tenha se tornado termo técnico na tradição cultivada pelo judaísmo. Numa espécie de reação teológica à influência cultural helênica, a estrutura de fé israelita se adapta aos mitos e concepção religiosa grega. Nesse contexto, *hakmah* (חֵכֶּמָה) passa a ser um conceito que evoca um conjunto de referências ético-religiosas.

Enquanto referência ético-religiosa, a Sabedoria sintetiza duas vertentes básicas. Num primeiro momento, a Sabedoria se apresenta ligada aos mandamentos e à lei de Deus (Dt 4.6). A máxima é: “mais Torá, mais vida; mais conhecimento, mais *hakmah* (חֵכֶּמָה)”. A lei de Deus aqui é identificada com a Sabedoria de Deus. A Sabedoria do sábio é a lei de Javé.

Uma segunda concepção inserida no conceito *hakmah* (חֵכֶּמָה) se encontra testemunhada, principalmente, em Pv 1-9. Nesses capítulos, a Sabedoria coloca-se como uma divindade celestial personificada. A Sabedoria personifica o próprio Deus. A voz da Sabedoria é a voz de Deus.

Por um lado, a Sabedoria personificada aparece como mediadora da revelação. Sua proclamação intervém como um profeta. A Sabedoria atribui a si mesma a legitimação e autoridade para anunciar a vontade de Javé.

Por outro lado, a Sabedoria personificada apresenta-se como a própria revelação da vontade de Deus. Ela oferece a vida ao ser humano. A vontade da Sabedoria é a vontade de Deus. A aceitação da Sabedoria equivale à aceitação da vontade de Javé.

Parece mesmo que a Sabedoria personificada não é apenas um recurso de linguagem. Ela apresenta toda uma cosmovisão teológica do judaísmo intertestamentário. Personificar a Sabedoria é o caminho para manter viva a chama da fé monoteísta ameaçada pelos pagãos.

A leitura de Pv 9.1-6 pelo crivo da *hakmah* (חֵכְמָה) leva à constatação que o próprio Deus, personificado, é sujeito do texto. Nesse sentido, é Deus quem dá a festa, convida os necessitados para a vida.

Algo semelhante se encontra no Novo Testamento. O convite para entrar no Reino de Deus muitas vezes é parafraseado com um convite para a festa (Lc 14.15-33).

Ainda hoje o comer e beber são parte integrante da celebração cristã. Ao celebrar a memória de Cristo, as comunidades comungam do pão e do vinho. A festa do Reino ali se torna histórica, assume a história dos celebrantes.

Tradução

- v. 1 – **A Sabedoria** construiu sua casa,
talhou suas sete colunas;
v. 2 – carneou suas galinhas,
preparou seu vinho,
arrumou sua mesa;
v. 3 – enviou suas moças para convidar
nos lugares altos da vila:
v. 4 – quem é enganado, venha até aqui,
para o analfabeto diz:
v. 5 – **Vinde!**
comei de meu pão,
bebei do vinho que misturei;
v. 6 – deixai os enganos e vivei,
seguí no caminho do discernimento.

Referências

- BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BENTZEN, Aage. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1968. 2 v.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *O Novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981-1983. 4 v.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm; SCHENKER, Adrian. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. verbesserte Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. xxvii, 1.789 p.
- JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Diccionario Teológico: Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978-. 2 v.
- KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- NICCACCI, Alviero. *A casa da sabedoria: vozes e rostos da sabedoria bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1997. 321 p. (Estudos bíblicos).

- PRITCHARD, James B. *The ancient Near East: an anthology of texts and pictures*. Princenton: Princenton University Press, 1958.
- RAD, Gerhard von. *La sabiduría en Israel: los sapienciales, lo sapiencial*. Madrid: Ediciones Fax, 1973. 426 p. (Actualidad bíblica; 31).
- RAD, Gerhard von. *Sabiduría en Israel: Proverbios, Job, Eclesiastés, Eclesiástico, Sabiduría*. Madrid: Cristiandad, 1985. 408 p.
- RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. totalmente revisada. São Paulo: ASTE; Targumim, 2006. 901 p.
- RAD, Gerhard von. *Estudios sobre el Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1976. 475 p. (Biblioteca de Estudios Bíblicos; 3).
- RINGGREN, Helmer; BOTTERWECK, G. Johannes. *Diccionario Teológico del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1978.
- ROBERT, A.; FEUILLET, A. *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Herder, 1967-1970.
- SCHÖKEL, Luis Alonso; VÍLCHEZ LÍNDEZ, J. *Sapienciales I: Proverbios*. Madrid: Cristiandad, 1984. 603 p. (Nueva Biblia española).
- VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999. 268 p. (Bíblica (Loyola) 25).
- WAARD, Jan de. *Biblia Hebraica quinta editione com apparatu critico novis curis elaborato...: Proverbs*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008. xxxii, 58, 65 p. (Biblia Hebraica Quinta; 17).
- WEGNER, Uwe. *A leitura bíblica por meio do método sociológico*. São Paulo: CEDI, 1993. 28 p. (Mosaicos da Bíblia 12).
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.
- ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. 557 p. (Bíblica (Loyola); 36).